



ARTIGO

Ações Afirmativas e estudos africanos o audiovisual como ação cultural extensionista

Greg A. Malaquias - <https://orcid.org/0009-0007-9898-240X>¹

Maria Helena Tomaz - <https://orcid.org/0000-0001-9810-8391>²

¹ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS, UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, gregalxmalaquias@gmail.com

² Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), UDESC, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, maria.tomaz@udesc.br

RESUMO

Este trabalho refere-se à ação extensionista de cunho cultural, ações afirmativas e suas interseccionalidades desenvolvida pelo Neabi/Faculdade Municipal de Palhoça, Laborei/Universidade do Estado de Santa Catarina e GEMPA/Grupo de Estudos Gênero e Empoderamento da Mulher de Palhoça, decorrente do I, II e III Ciclos de Estudos Feministas Miriam Maria Maria, voltados à comunidade acadêmica e geral, com o objetivo de compartilhar estudos acerca dos feminismos negros e decoloniais realizados. A partir do Edital Campus da Cultura Udesc 2021-2022 lançado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Comunidade (Proex), o documentário audiovisual é produzido em forma de curta-metragem sobre as experiências de quatro mulheres da região da grande Florianópolis que atuam ativamente em suas comunidades nas áreas da cultura, religiosidade e política pública. Denominado “Matripotência: a revolução do cuidado na ilha da magia”, o curta destaca a dimensão do cuidado presente nessas práticas, cuja compreensão e reflexão foi percorrida à luz da cosmovisão iorubá de matripotência, desenvolvida pela socióloga nigeriana Oyèronké Oyewùmí a partir da publicação de sua obra “A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”. O resultado dos estudos e a produção do audiovisual possibilita uma poética da resistência a partir do aprofundamento do conhecimento sobre as dinâmicas de gênero nas sociedades africanas e decolonialidade, buscando apontar algumas reflexões acerca de outras configurações de corpo, gênero e visões de mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Extensão universitária; Ações Afirmativas; Estudos Africanos; Matripotência; Audiovisual.

Affirmative Actions and African Studies: audiovisual as an extensionist cultural action

ABSTRACT

This work refers to the extensionist action of a cultural nature and affirmative actions with impacts on the curricula and historiography of Santa Catarina, developed by the Nucleus of Afro-Brazilian Studies (NEAB) of the State University of Santa Catarina (Udesc) from the partnership with Neabi/Faculdade Municipal de Palhoça, Laborei/Universidade do Estado de Santa Catarina and GEMPA/Grupo de Estudos Gender and Empowerment of Women in Palhoça, resulting from the I, II and III Cycles of Feminist Studies Miriam Maria Maria, aimed at the academic and general community, with the aim of sharing studies about realized black and decolonial feminisms. Based on the Campus da Cultura Udesc 2021-2022 announcement launched by the Dean of Extension, Culture and Community (Proex), the audiovisual documentary is produced in the form of a short film about the experiences of four women from the greater Florianópolis region who work actively in their communities in the areas of culture, religiosity and public policy. Entitled "Matrpotency: the care revolution on the island of magic", the short highlights the dimension of care present in these practices, whose understanding and reflection was covered in the light of the Yoruba cosmivision of matrpotence, developed by the Nigerian sociologist Oyèronké Oyewùmí from the publication of his work "The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses". The result of the studies and the audiovisual production enables a poetics of resistance based on the deepening of knowledge about the dynamics of gender in African societies and decoloniality, seeking to point out some reflections about other configurations of the body, gender and worldviews.

KEYWORDS

University Extension; Affirmative Actions; African Studies; Matrpotency; Audio-visual.

Submetido em: 20/09/2024 – **Aprovado em:** 25/11/2024 – **Publicado em:** 19/12/2024

1 SITUANDO A AÇÃO CULTURAL EXTENSIONISTA

O Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab) da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) é uma entidade, formalmente criada, desde 2003, com a finalidade de auxiliar a Universidade na produção e disseminação do conhecimento por meio do ensino, pesquisa e extensão, no desenvolvimento de políticas de diversidade étnico-racial, promoção de igualdade, equidade e inclusão, e valorização das populações e origem africana e indígena. O Neab a partir do Programa Memorial Antonieta de Barros com suas edições anteriores e demais atividades, ao longo de seus vinte anos, desenvolve ações a nível estadual, intercentros, interinstitucional e internacional. Com a articulação das muitas atividades que foram desenvolvidas ao longo de sua trajetória, o Programa Memorial Antonieta de Barros, com vinte anos de edição articulado ao Neab fortalece, no ambiente acadêmico, um espaço de interlocução e formação de professores e gestores, de disseminação de debates e estimulação da produção de estudos acerca das experiências históricas e educacionais das populações afrodescendentes e indígenas no Estado de Santa Catarina; de aproximações do trabalho acadêmico de docentes, discentes e corpo técnico administrativo com as atividades realizadas por instituições da sociedade civil; de debates internos na Udesc e externos sobre a constituição e consolidação de políticas afirmativas; e de referência ao acesso de produções e informações acerca da história da cultura africana, afro-brasileira, afro-catarinense e indígena, legislações e políticas públicas destacando a visibilidade de grupos que desenvolvem trabalhos com afinidade com essas temáticas.

Entre as ações desenvolvidas pelo Programa nos anos de 2021 e 2022, cuja última versão foi aprovada pelo Edital Nº 01/2021 – Programa de Apoio à Extensão Universitária (Paex) e Programa de Incentivo à Creditação da Extensão Universitária (Proceu), o Projeto de Extensão “Caminhando com Antonieta de Barros: narrativas de resistências e ancestralidades” desenvolve atividades relativas à recuperação e disseminação de protagonismos, de modos de resistência, da participação política e social, das vivências de religiosidades e das produções literárias de mulheres afro-brasileiras, quilombolas e indígenas no seu processo de afirmação como sujeito político e sócio histórico na constituição da história de Santa Catarina e do Brasil. O

Programa e o Projeto respectivamente, trazem na sua denominação a visibilidade da mulher negra jornalista, professora, escritora, primeira deputada negra no Brasil e primeira deputada mulher no Parlamento Catarinense – Antonieta de Barros, ainda não (re)conhecida pela população catarinense e brasileira por suas contribuições memoráveis na luta por uma sociedade mais inclusiva.

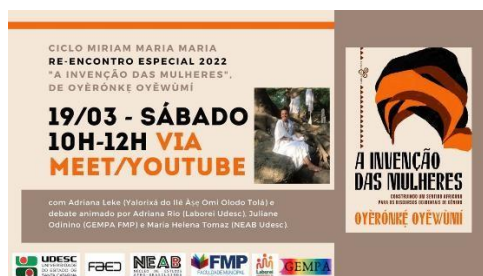
Esse movimento está alinhado à concepção crítica frente aos marcadores de raça, classe, gênero, sexualidade, etnia, nação, idade, deficiências, entre outros, que passam a operar dentro da lógica de uma construção recíproca e produzindo complexas desigualdades sociais. O diálogo é estabelecido com Crenshaw (1991) e Collins (2015), compreendendo a interseccionalidade como fenômeno e conceito, com possibilidades reais de se constituir como estratégia analítica e mobilização política (Bernardino-Costa, Torres e Grosfoguel, 2020), para compreender as estruturas das desigualdades sociais e raciais,

problematizar e denunciar as a dinâmica de múltiplas formas de opressão, e produzir ações de resistência e avanços nas (re)existências. Para tanto, as movimentações por meio da luta antirracista, para além da denúncia de práticas discriminatórias, exige ações que fomentem a compreensão do funcionamento da necropolítica (Mbembe, 2018), as estruturas do pacto narcísico da branquitude (Bento, 2002, 2022), e o fortalecimento da equidade, ocupação de lugares e a valorização da diferença, entre outras ações. Com essa perspectiva, D'Oliveira e Camargo (2013) apontam que

Transcender o processo discriminatório e encontrar práticas de resistência são essenciais para a substancial inserção da mulher afro na hodierna conjuntura sociocultural. Desta maneira, a intersecção entre raça e gênero, assim como as demais construções sociais, têm impacto na afirmação identitária do sujeito. É necessário assinalar, assim, que, a par da luta política subjacente às escolhas conceituais, a uniformidade ou linearidade possível refere-se tão somente à necessidade de embasamento teórico para abordar o fenômeno complexo dos impactos do preconceito étnico na vida das mulheres negras. Verifica-se decisivo neste processo a indispensável reestruturação das culturas institucionais em suportes democráticos e inclusivos, bem como estabelecer novas práxis antirracistas, principalmente face ao consenso acerca da urgência de seu enfrentamento por todos os instrumentos e com a participação dos atores sociais (D'OLIVEIRA; CAMARGO, 2013, p.2)

No cerne das ações extensionistas, caminhar coletivamente e colaborativamente, com uma potente interlocução entre a docência, discência, corpo administrativos e parceiros externos à Universidade, é uma das estratégias desenvolvidas que fortalece a inclusão para superar as situações de desigualdade e de exclusão existentes no Brasil e no estado catarinense. Com o estabelecimento de redes com Faculdade Municipal de Palhoça (Fmp), foi realizada a inserção colaborativa do Neab/Udesc nos Ciclos de estudos feministas Miriam Maria Maria, que desde abril de 2020 tem promovido na modalidade online, por conta do contexto pandêmico, encontros quinzenais via Meet, voltados à comunidade acadêmica e geral, cujo objetivo tem sido aprofundar os estudos acerca dos feminismos negros e decoloniais. Tais atividades têm desde então sido gravadas e disponibilizadas no canal do youtube da Fmp, a partir de uma iniciativa interinstitucional estabelecida entre os grupos de pesquisa e extensão do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígena (Neabi) da Fmp; Laboratório de Educação e Infância (Laborei) e Grupo de Estudos Gênero e Empoderamento da Mulher de Palhoça (Geempa).

Os encontros do Ciclo buscaram aprofundar os estudos da coleção Feminismos Plurais organizados por Djamilia Ribeiro (2019), passando pela obra de Grada Kilomba (2019) e Oyèrónké Oyewùmí (2021) que abordam a crítica ao racismo patriarcal heteronormativo e da afirmação da diversidade. Aberto à comunidade em geral, constitui-se num espaço de interlocução para planejar formas de intervenção social e educativa para fortalecer ações afirmativas e inclusivas em relação à equidade, combate ao racismo e todas as formas de opressão.

Figura 1. Folder do encontro de estudos Ciclo Mirian Maria Maria

Fonte: acervo do Neab/Udesc

O compromisso de problematizar essa discussão, fortalecer a subversão dos mecanismos de regulação e as rupturas com os silenciamentos históricos produzidos na sociedade brasileira sobre as mulheres afrobrasileiras, quilombolas e indígenas, destacando seus protagonismos, suas histórias de resistências, seus processos de (re)significação no mundo, resultou na potencialização de várias ações articuladas de pesquisa, ensino e extensão, no aprofundamento dos estudos sobre interseccionalidade e a aproximação com mulheres nos seus espaços de atuação e formação. Nas inserções realizadas nas comunidades, destaca-se as ações articuladas com Projeto Mulheres em Ação, em que o coletivo de discentes extensionistas do Programa Memorial Antonieta de Barros articulados ao Neab desenvolvem oficinas de vivências em Educação das Relações Étnico-Raciais com mulheres periféricas nos bairros Brejarú e Frei Damião no município de Palhoça em Santa Catarina. No encontro, a discência do curso de *Design* de Moda da Udesc estabeleceu diálogos com conhecimentos e saberes com as mulheres da comunidade, potencializando experiências e fortalecendo redes de afeto mútuo, coletividade e ações afirmativas interseccionais.

Figura 2. Oficinas de Vivências em Erer no Projeto Mulheres em Ação

Fonte: acervo do Neab/Udesc

Nesse processo, a extensão foi sendo potencializada como um espaço de vivências, de constituição da autonomia, autoaprendizagem e de processos individuais de fortalecimento do letramento étnico-racial nas interlocuções estabelecidas entre as pessoas e os contextos vivenciados. As tessituras estabelecidas

entre a realidade, vida, conhecimento e saber acadêmico também são elementos formadores da discência universitária. A partir dessa perspectiva é importante destacar que

cada vez que o processo aprendente agregar valor aos espaços estabelecidos, como a sala de aula, o laboratório ou a biblioteca, e tiver a capacidade de incorporar outros ambientes de aprendizagem, tais como as comunidades, os grupos sociais ou os fenômenos culturais, a aprendizagem torna-se mais significativa. À medida em que se ampliam as fronteiras do conhecimento e as possibilidades de sua aplicabilidade, seja ele específico ou conjuntural, a educação torna-se um projeto mais profundo, mais abrangente e mais relevante (SÍVERES, p. 13, 2010).

E as aproximações, formações em rede nas comunidades, estudos e discussões culminaram com o planejamento da produção de uma mídia que pudesse promover ampla difusão das reflexões decorrentes do grupo de estudo, de modo a retratar experiências práticas concretas com amplo alcance favorecido pela estética da linguagem audiovisual para públicos cada vez mais diversificados. Com esse escopo, reflexões sobre a não neutralidade da educação e cultura e que as produções de conhecimento têm implicações políticas e educacionais redefinindo as relações entre extensão universitária e cultura. Por esse viés, dialogamos com Costa e Santos (2012) que trazem para o campo da discussão algumas indicações sobre as possibilidades no campo universitário

A universidade por meio das atividades extensionistas apresenta a oportunidade de unidade questionadora desta corrente cultural de massa. O desenvolvimento da relação entre os conhecimentos acadêmicos e populares integra sentido e significado ao educando universitário quando este se percebe parte integrante da mediação sociedade e universidade, agregando significado aos estudos para sua vida, de maneira a permitir a reconstrução de novo comportamento em direção ao fortalecimento e criação de novas culturas também nas dimensões sociais (COSTA; SANTOS, 2012, p.7)

Aprovado no Edital Campus de Cultura Udesc 2021-2022, Projeto de Cultura denominado Matripotência: a revolução do cuidado na Ilha da Magia, traz discussões epistemológicas concernentes à dimensão ética do cuidado coletivo, associando estas experiências à cosmovisão ioruba de Matripotência, desenvolvida pela socióloga nigeriana Oyèronké Oyewùmí (2021) resultado de suas pesquisas no doutorado com o livro publicado denominado A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.

2 OS ESTUDOS AFRICANOS E A PRODUÇÃO DO AUDIOVISUAL

Para o desenvolvimento do Projeto de Cultura, no Neab foi organizado o grupo de Estudos Africanos e Decolonialidade formado por pesquisadoras associadas e bolsistas extensionistas e de cultura participantes das ações e articulado ao Projeto Caminhando com Antonieta de Barros: narrativas de resistências e ancestralidades, para aprofundar o debate sobre as questões pontuais de gênero a partir de outras perspectivas para além da ocidental. Trazer as autorias negras para o centro da fundamentação das ações extensionistas, pesquisa e ensino enuncia uma caminhada teórica para fortalecer a produção científica decolonial e do pensamento afrodiaspórico, a partir da intelectualidade negra no Campo das

Ciências Humanas e Sociais. Nesse processo, é estabelecido um diálogo com Nilma Lino Gomes ao abordar o Movimento negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos.

Retomar autores e autoras negros brasileiros e estrangeiros, lembrar quais foram as lideranças negras que participaram das principais mudanças emancipatórias do mundo, dar relevo às suas produções e conhecer as disputas acadêmicas de negras e negros no mundo da produção do conhecimento brasileiro no contexto da literatura decolonial latinoamericana diz respeito a um percurso de ruptura epistemológica e política no sentido de descolonizar os currículos e o próprio campo do conhecimento. (GOMES, 2020, p. 224)

Com encontros quinzenais, o grupo foi se constituindo nas discussões, trazendo para a pauta a problematização do conceito de mulher como uma invenção do ocidente constituído na dualidade com o conceito de homem diretamente relacionada com aspectos de sexo feminino/masculino; a cosmo percepção ioruba relacionando-se a elementos de criação e matripotência; as diferenças que são estabelecidas por meio do caráter da senioridade e não pelas diferenças biológicas e a hierarquia social relacionada aos mais velhos e não a diferenças de gênero. As categorias sociais africanas, diferentemente da perspectiva ocidental são fluídas, descolonizando a discussão sobre o cuidado e suas implicações. Conforme argumenta a autora nigeriana

Elas não se baseiam no tipo de corpo, e o posicionamento é altamente situacional. Além disso, a linguagem do casamento, que é utilizada para classificação social, frequentemente não é, a princípio, sobre gênero, como interpretações feministas da ideologia e organização familiar poderiam sugerir. Em outro momento, argumentei que o idioma casamento/família em muitas culturas africanas é uma maneira de descrever relações patrono/cliente, que pouco têm a ver com a natureza dos corpos humanos. Análises e interpretação de África devem começar a partir de África. Significados e interpretações devem derivar da organização social e das relações sociais, prestando muita atenção aos contextos culturais e locais específicos (OYĔWÙMÍ, 2004, p.9)

As questões epistemológicas trazidas pela autora, levaram o grupo a participar de um evento específico para aprofundar os estudos, o III Encontro Internacional da Associação Brasileira de Estudos Africanos (ABEÁfrica) que ocorreu entre os dias 28 de novembro e 2 de dezembro de 2022, presencialmente em Salvador, Bahia. O encontro foi composto por Grupos de Trabalho (Gts) e relatos de Experiências Pedagógicas tendo como temática: “Estudos Africanos em tempos de crise: política, cultura e epistemologias”. A possibilidade de trocas de saberes acadêmicos fundamentados na epistemologia africana, com pesquisadores brasileiros e de África, levou o coletivo do grupo de estudos a submeter um trabalho específico no Gt Dinâmicas de gênero nas sociedades africanas, fundamentado em pesquisa bibliográfica e ações extensionistas, intitulado “Entre o Brasil e a África: Estudos das dinâmicas de gênero e a Matripotência em foco”.

A experiência em participar do encontro, potencializou principalmente a discência negra extensionista, advinda de diferentes cursos de graduação da Udesc: bacharelado em Moda e Design, bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, e Licenciatura em História. Esse lugar, ocupado com a anuência

da gestão extensionista do Centro de Educação a Distância (Cead), onde o Programa de extensão está alocado e por conseguinte a discência extensionista, pauta a discussão epistemológica e decolonial para áreas de atuação profissionais até então não pensadas como produtoras de conhecimento científico sobre a pauta a qual o coletivo do grupo de estudos se debruçou. Essa experiência, muitas vezes negada para a discência negra, no ensino, na pesquisa e também na extensão, reafirma a importância de ações afirmativas estendidas para o currículo e para as formas como a instituição de ensino superior se organiza internamente nas suas linhas de conhecimento.

Uma ação que traz para a discussão universitária a problemática violenta do desafio enfrentado pela discência negra e demais estudantes que enfrentam o apagamento sistemático de produções de saberes dos grupos de onde advém. A ausência de referências e bibliografias nos cursos de graduação e pós-graduação que indiquem ou pessoas negras é frequente nas instituições de ensino superior, com o apagamento da sua presença no debate universitário e intelectual. Sueli Carneiro (2005) discute as práticas discursivas racistas no Brasil e a existência de um contrato social e subalternização dos negros, em que o epistemicídio é uma estratégia de tecnologia do biopoder.

Alia-se nesse processo de banimento social a exclusão das oportunidades educacionais, o principal ativo para a mobilidade social no país. Nessa dinâmica, o aparelho educacional tem se constituído, de forma quase absoluta, para os racialmente inferiorizados, como fonte de múltiplos processos de aniquilamento da capacidade cognitiva e da confiança intelectual. É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. A esses processos denominamos epistemicídio (CARNEIRO, 2005, p.97).

Com esse entendimento, são proporcionadas oportunidades afirmativas da discência negra estar ocupando lugares de extensão e pesquisa a partir de autorias negras que potencializam suas investidas em relação ao letramento étnico-racial, representatividade e fortalecimento da identidade coletiva e individual, bem como a afirmação de suas inserções na produção intelectual a partir de seus estudos sobre a pauta. Sobre essa questão, que coloca em discussão a intelectualidade negra e a produção científica, Matta e Machado reafirmam (2021) que

Ao incentivar a prática de produção de conhecimento científico pelos grupos sociais historicamente apartados da academia, como as mulheres, estamos caminhando rumo a um processo de descolonização do conhecimento, deixando, desta maneira, de sermos objetos de discurso científico para nos tornarmos protagonistas na construção de novos conhecimentos. Isso permite que novas possibilidades de relacionamento com a ciência sejam efetivadas, de forma inovadora e democrática. Em outros termos, descolonizar o conhecimento significa assumir uma postura epistemológica heterogênea, independente e

libertadora, ou seja, sair da sombra de um pensamento europeu, que, de certa forma, ainda nos mantém colonizados (MATTA; MACHADO, 2021, p.35)

Com o aprofundamento dos estudos, a discência foi inserida no Projeto de Cultura Matripotência: a revolução do cuidado na Ilha da Magia, aprovado no Edital Campus de Cultura Udesc 2021-2022, lançado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Comunidade (Proex). Importante salientar a importância de ações extensionistas coordenadas, a partir dos fazeres e pensares em uma perspectiva cultural

Estabelecer interlocução entre a extensão universitária e a sociedade, demanda entender a importância dada à cultura como fundamento e expressão essencial na estruturação de uma política contemporânea, que busca o reconhecimento da identidade de um povo a partir da questão da cidadania, do patrimônio e da nacionalidade a qual pertence. (COSTA; SANTOS, 2012, p.8)

A proposição do Projeto, resultado das parcerias estabelecidas nos Ciclos de Estudos Mirian Maria Maria, resultou na produção de um documentário audiovisual de curta-metragem, cujos objetivos envolvem a abordagem de experiências de vida de lideranças femininas negras e/ou periféricas da região da grande Florianópolis cujas sociabilidades dialogam com o conceito de Matripotência (OYEWÚMÍ, 2021) por se relacionarem à dimensão ética do cuidado coletivo de suas comunidades; a constituição de um material artístico-cultural que possa garantir uma ampla divulgação científica e artística por meio de sua exibição nos mais diversos espaços educativos e culturais, dado o alcance de sua linguagem audiovisual; posteriormente a sua concretização, a realização de debates, reflexões e rodas de conversa; a disseminação da discussão dos estudos decoloniais e do feminismo negro para um público cada vez mais amplo; o aprofundamento dos estudos na área do feminismo africano e da diáspora, em torno do conceito de Matripotência.

A produção visibilizou experiências e redes comunitárias fundamentadas na dimensão ética e estética do cuidado como um trabalho essencial à vida, a partir quatro mulheres: Jussara Lima da Unegro Palhoça; Alexandra Alencar da Aláfia Casa de Cultura e do Arrasta Ilha; Adriana Leke Iyalorixá do candomblé e Mara Rocha, do projeto Puff do Bem e Mulheres em Ação do Brejarú. Essas lideranças, da região da grande Florianópolis atuam ativamente em suas comunidades nas áreas da cultura, da religiosidade e da política pública. Com essa perspectiva, o documentário fomenta a visibilidade dessas mulheres e a interseccionalidade envolvendo raça, gênero e classe, destacando inovadoras sociabilidades por meio de suas experiências de vida que vão na contramão do modelo hegemônico da ideia de liderança, reconhecimento e prestígio, característicos de uma sociedade prioritariamente branca, eurocentrada, consumista, urbana, desenvolvimentista, cristã, machista e patriarcal.

Com a compreensão de que se trata de uma poética da resistência, pois tal cosmovisão de transformação da vida se contrapõe a lógica dominante, proporciona perspectivas concretas de organização social de resistência às estruturas opressoras, exploradoras e violentas do patriarcado que estabelecem perversamente os locais e hierarquias de poder, social, econômico e político. O documentário versa sobre os cotidianos dessas mulheres, ao mesmo tempo que dialoga na construção de sua narrativa com conceitos decoloniais e estudos do feminismo negro do Brasil e do mundo, em especial buscando apontar algumas

reflexões acerca de outras configurações de corpo, gênero e cosmovisões. (TOMAZ, 2022, p. 1)

Com o primeiro lançamento do audiovisual em dezembro de 2022, realizado no Museu da Escola Catarinense (Mesc) da Udesc, destaca-se a importância da produção inédita de documentário de audiovisual que contempla ações indissociáveis de pesquisa, ensino, extensão e cultura; a visibilidade da pauta étnicoracial e suas interseccionalidades - gênero, raça e classe – temática pouco discutida e necessária no território catarinense, brasileiro, latino-americano e internacional; a visibilidade de trabalhos extremamente necessários em se tratando de política pública, ao trazer para a pauta a discussão dos estudos decoloniais e do feminismo negro; a produção de cine-verdade aproximando o filme da realidade das personagens e de possíveis espectadores, com a captação de imagens dos cotidianos de suas práticas reconhecidas pela dimensão do cuidado junto a suas comunidades; o registro audiovisual das práticas, retratando serve fragmentos das realidades das entrevistadas, da linguagem corporal, das performances cotidianas, dos objetos em jogo, das formas de sociabilidade auxiliando na compreensão do papel e a importância dessas figuras em seus contextos.

Figura 3. Primeiro lançamento do audiovisual no Mesc/Udesc



Fonte: acervo do Neab/Udesc

Nesse processo, o registro fílmico oferece um rico material de estudos de elementos dessas culturas; o envolvimento dos/as discentes/bolsistas e voluntárias nas ações de estudo e atividades em grupos de estudos nacionais e internacionais, de instituições de ensino e pesquisa, públicas e privadas que participaram dos eventos envolvendo o documentário audiovisual, movimentos sociais negros e feministas, universitários/bolsistas e estagiárias do Neab/Udesc e líderes comunitários.

Com a continuidade das exibições do audiovisual que se estendem para o ano de 2023, junta-se a esse público a comunidade acadêmica da Udesc e demais instituições de ensino superior num movimento interinstitucional e internacional, e a comunidade em geral, principalmente a catarinense. Assim, as ações decorrentes da produção do filme promovem o diálogo intercultural com os diversos grupos de identidade

existentes no Estado, visando construir uma agenda comum e colaborativa entre as políticas culturais e educacionais. E beneficia profissionais diversos que trabalham com artes, cultura, educação, pesquisa, movimentos sociais. Dessa forma, as exposições que continuam, seguidas ou não debates em espaços diversificados visam adaptar e criar estruturas adequadas para realização integradora de ações culturais junto a movimentos sociais, contextos artístico-culturais e espaços educativos, onde os beneficiados estão inseridos, contribuindo para manutenção, reconhecimento e revitalização do patrimônio cultural, histórico e memorial catarinense.

Importante destacar no processo estabelecido que o Projeto de extensão “Biblioteca de Referência Neab/Udesc: disseminando a história e a cultura das populações de origem africana e indígena” alinhado ao Programa Memorial Antonieta de Barros, adensa a disseminação do conteúdo audiovisual produzido, auxiliando na gestão da informação da História e da Cultura das populações de origem Africana e Indígena, agregando ao rico acervo de pesquisas e produções bibliográficas impressas e digitais referentes à temática diversidade, relações étnico-raciais, populações de origem africana e indígena, ações afirmativas envolvendo aspectos históricos, culturais, socioeconômicos e educacionais construído ao longo do funcionamento do Neab. Sua importância nesse processo destaca-se por ser um referencial na disseminação de informações, conteúdos e conhecimentos que viabilizam o acesso de pesquisadores/as, acadêmicos/as, professores/as, estudantes e gestores, além de outras pessoas interessados nas temáticas do acervo. As produções que compõem o acervo são publicizados de forma impressa com a publicação em forma de livros e artigos, e online por meio do site da Udesc, do Neab e outros sites pertinentes, e por meio de mídias sociais, ampliando a extensão do público atingido por todo o Programa. A Biblioteca de Referência agrega também as produções sustentadas pelas autorias da discência negra, pesquisadores associados, professores e técnicos administrativos extensionistas ligados ao núcleo, aos centros parceiros da UDESC, como também de produções de instituições parceiras externas à Universidade que complementam o acervo, referentes a proposição de atividades voltadas para o conhecimento, divulgação e preservação do patrimônio histórico, político, artístico e cultural das populações de origem africana e indígena em Santa Catarina, para promover a visibilidade de suas produções, experiências e vivências.

3 REFERÊNCIAS

BENTO, M. A. da S.. *Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. 2002. Dissertação (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, São Paulo. (_____.) *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, S. *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005, pp. 96-110.

COSTA, P.M. D.; SANTOS. S. R. M. *A extensão universitária: seu fazer e seu pensar em uma perspectiva cultural*. Anais do VII Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação: Formação do Educador e suas

interloquções com a diversidade. Rio de Janeiro: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, 2012. Disponível em: <https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/04/31817272.pdf>

COLLINS, P. H. *Interseccionalidade as Critical Social Theory*. 1. ed. Durham and London: Duke University Press, 2019.

CRENSHAW, K. *Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against women of color*. *Stanford Law Review*, v. 43, n. 6, p. 1241-1299, jul. 1991.

BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R.; *Decolonialidade e o pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

D'OLIVEIRA, M. C.; CAMARGO, M. A. S. A interseccionalidade entre gênero e raça para a construção étnicoidentitária das mulheres negras. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373078109_ARQUIVO_Ainterseccionalidadeentregeneroeraca.pdf

GOMES, N. L. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, J.; MALDONADO-TORRES, N.; GROSFUGUEL, R.; *Decolonialidade e o pensamento afrodiáspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano* Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATTA, Betânia de A. R.; MACHADO, Rita de C. F. A intelectualidade negra e a produção científica: um olhar decolonial. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, v. 39, n.º 2/2021. Dossiê II Encontro do GT Filosofia e Gênero, p. 33-44

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

OYĚWÙMÍ, O. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. *CODESRIA Gender Series*. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

RIBEIRO, D. *Pequeno Manual Antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, P. M. D; SANTOS, S. R. M. A extensão Universitária: seu fazer e o seu pensar numa perspectiva cultural. *Anais do VII SIMPED – Simpósio Pedagógico e Pesquisas em Educação*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco: 2012. Disponível em: <https://www.aedb.br/wpcontent/uploads/2015/04/31817272.pdf>

SÍVERES, L. *A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem*. Brasília: Liber Livro, 2013.

TOMAZ, M. H. *Programa de Extensão Memorial Antonieta de Barros*. (2021). Edital Nº 01/2021 – Programa de Apoio à Extensão Universitária (Paex) e Programa de Incentivo à creditação da Extensão Universitária (Paex-Proceu/Udesc). Florianópolis, 2021. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/cead/id_cpmenu/3548/31643_2021_Memorial_Anonieta_de_Barros_16_516752966384_3548.pdf

(_____.). *Projeto de Cultura Matripotência: a revolução do cuidado na Ilha da Magia*. Edital Campus de Cultura Udesc 2021-2022. Florianópolis, 2021. Disponível em:
https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/15503/INSCRI_O_EDITAL_CAMPUS_DE_CULTURA_UDESC_2021_2022_4_16624139660994_15503.pdf

(_____.). *Relatório do Projeto de Cultura Matripotência: a revolução do cuidado na Ilha da Magia*. Edital Campus de Cultura Udesc 2021-2022. Florianópolis, 2022.

Artigo submetido ao sistema de similaridade